



percursos teórico-metodológicos e práticos da Geografia Escolar

**CONCEPÇÕES SOBRE O CONCEITO DE PAISAGEM E
SUA INSERÇÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA:
ELEMENTOS PARA UMA INVESTIGAÇÃO**

Willian Franco Felício
Mestrando em Geografia PPGeo/IESA/UFG
willianfrancof@gmail.com

Resumo: O presente artigo visa apresentar uma discussão de âmbito teórico no que se refere à paisagem na ciência geográfica a fim de compreendê-la como importante categoria analítica no campo das pesquisas sobre o ensino de geografia. A partir de referenciais teóricos sobre a paisagem, buscamos apresentar uma contextualização sobre as definições desta categoria no construto didático da geografia escolar. Compreendemos a importância dessa categoria no processo da prática docente para o ensino de geografia, pois entendemos que ela aproxima o aluno do objeto estudado buscando desenvolver nos estudantes a capacidade de compreensão das diferentes paisagens, seus elementos, sua história, suas práticas sociais, culturais e suas dinâmicas naturais.

Palavras-chave: Paisagem, Práticas docentes, Geografia escolar.

Introdução

Nesse artigo busca-se entender as concepções sobre paisagem, considerada uma categoria de análise socioespacial, e sua inserção como uma importante ferramenta para o ensino de geografia, tendo em vista que ela promove a aproximação do aluno com o conteúdo tornando significativo o processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, entendemos que o olhar lançado sobre o espaço vivido marca o suposto início de uma das categorias da Geografia. A paisagem surge com a observação dos elementos da natureza e sua relação com o homem. Pode-se dizer que ela é a primeira instância da

análise geográfica, pois é a partir da paisagem que se chega às demais categorias como o território, o lugar e a região.

Segundo Brito e Ferreira (2011), a complexidade do conceito de paisagem pode ser observada a partir do caráter polissêmico que essa categoria adquiriu entre as diversas correntes e abordagens geográficas ao longo do processo de formação da Geografia enquanto ciência. Por isso, a paisagem é um importante instrumento para o ensino e aprendizagem de geografia, que fortalece as relações dos sujeitos com o lugar vivido sendo também o ponto de partida para a promoção de uma formação crítica e cidadã.

O conceito de paisagem na ciência geográfica

As observações de Alexander Von Humboldt e Carl Ritter, no séc. XIX, corresponderam a um olhar criterioso sobre o que, posteriormente, denominou-se de paisagem, fortalecendo a ciência geográfica e a constituição de sua base teórica. A visão constituiu-se como o elemento *a priori* para a análise da paisagem, porém não foi o único, pois a paisagem, na definição de Santos (1988), não está ligada apenas ao visível, mas também a tudo que é perceptível.

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível. Aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes mas também de cores movimentos, odores, sons e etc. (SANTOS, 1988, p.21)

Dessa forma, a percepção é fundamental na análise da paisagem, sendo ela um processo que depende do olhar de quem vê já que cada sujeito se forma a partir de trajetórias socioespaciais diferentes.

A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva, pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato. (SANTOS, 1997, p. 62)

A partir da percepção e da análise da paisagem pode-se entender as relações sociais no espaço, a formação e a atuação de uma determinada população em um território. A paisagem não se limita apenas ao material, também carrega a imaterialidade dos significados a ela empregados pelos sujeitos do espaço. “Por isso, ler a transformação do espaço mediante a

interpretação da paisagem, se nos apresenta as possibilidades de ver a participação ativa do lugar e do espaço frente às mudanças históricas sociais e culturais.” (CHAVEIRO, 2007.p.51).

As transformações ocorridas na paisagem revelam muito além das mudanças estruturais verificadas no plano do visível, mostram o acelerado processo de desenvolvimento tecnológico e social que interfere diretamente na forma como se vive em sociedade e como o indivíduo observa e se apropria da natureza. A paisagem, neste sentido, antes considerada objeto de contemplação estático, passa a representar no momento atual um conjunto de formas espaciais em constante metamorfose, dinâmica pura.

Segundo Santos “A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais: é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério”(1988, p.23).Entende-se por “formas naturais” aquelas que o homem ainda não promoveu alterações, fato que é impossível na atualidade já que todos os espaços foram apropriados pelo homem, sejam materialmente ou no campo das ideias. Paisagens artificiais, também chamadas de culturais, são os espaços produzidos pela interferência da sociedade.

A leitura da paisagem pode ser feita mediante várias metodologias e consoantes a diferentes tipos de materiais e objetos, seja eles simbólicos, iconográficos, pictóricos, literários, fonográficos etc., desde que apresente imagens inferentes a um lugar. (CHAVEIRO, 2007. p. 51)

A paisagem tem sido concebida como uma importante categoria de análise geográfica, por permitir a análise da produção e reprodução da sociedade no espaço, em sua dinâmica e atores envolvidos. A multiplicidade de conhecimentos referentes à paisagem tem sido construída pelos indivíduos através das relações simbólicas de pertencimento com o meio social e espacial, que, necessariamente, conduzem à construção do imaginário coletivo sobre o espaço no interior das práticas cotidianas (PINHEIRO, 2015).

Em um passeio pela cidade de Goiânia, por exemplo, destacam-se na paisagem seus elementos naturais e culturais a partir da análise das formas espaciais. Quando se observa um parque, os primeiros elementos que se destacam são: as formas do relevo, a vegetação, os cursos d'água e os animais que ali vivem. Ao se analisar uma paisagem urbana, as construções imediatamente revelam o trabalho do homem sobre a natureza, identificado quando se observa prédios, casas, shoppings, ruas, assim como suas ornamentações e cores que tem como objetivo melhorar a estética da paisagem.

Cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas; a paisagem atende a funções sociais diferentes, por isso ela é sempre heterogênea; uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos momentos; ela não é dada para sempre, é objeto de mudança, é resultado de adições e subtrações sucessivas, é uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas; ela não mostra todos os dados, que nem sempre são visíveis, a paisagem é um palimpsesto, um mosaico. (CAVALCANTI, 2004, p. 99).

A heterogeneidade da paisagem é reflexo da ocupação do espaço por sujeitos que possuem trajetórias e objetivos diversos, mas que ocupam um mesmo espaço dando a ele significados diferentes e construindo assim uma realidade heterogênea. Segundo Santos “as mudanças da paisagem podem ser estruturais ou funcionais” (1988, p.24). Com base nessa ideia, busca-se entender primeiramente os conceitos de estrutura e funcionalidade. Estrutura está ligada a forma da paisagem, ou seja, ao que é físico. Já a funcionalidade está relacionada à utilização dos espaços.

As mudanças estruturais podem ser observadas no cotidiano, ao se fazer um breve passeio pelo bairro onde se passou a infância e se deparar com prédios, padarias, supermercados que foram construídos nos lugares antes ocupados por casas. Já as mudanças funcionais são expressas na forma com que esses espaços tiveram suas formas de utilização alteradas. Outros exemplos podem ser observados em diversos bairros: um campinho de futebol, tomado pela atividade comercial das feiras; um lote vago que servia como estacionamento refuncionalizado após a construção de uma casa.

As mudanças funcionais na paisagem ocorrem a todo instante, por exemplo, a rua em momentos distintos apresenta funcionalidades diferentes: a rua que em horário comercial funciona como área de circulação de veículos cede espaço ao comércio no período da noite com as feiras livres e demais atividades informais.

Dessa forma, as formas espaciais constituem a base para a definição do conceito paisagem, que são comumente propagadas enquanto simplesmente estéticas. Buscando o significado de paisagem, o Dicionário Silveira Bueno apresenta a seguinte definição: “Paisagem, s.f. Espaço de território que se abrange num lance de vista; pintura, desenho ou gravura que representa cenas campestres ou urbanas.” (BUENO, 2001, p.411). A partir dessa definição identificam-se alguns problemas entre a acepção apresentada pelo dicionário, e o conceito para a ciência geográfica que se apresente como uma categoria com complexidade relevante.

Um problema identificado é a forma simplista de como se define paisagem, tratada apenas como o que pode ser visto, sendo citada como cenas. A partir desse problema percebe-se que se paisagem é apenas o que é visível, é uma categoria cuja compreensão é impossível ao deficiente visual. A partir desse problema deve-se destacar a importância de analisar a paisagem a partir da forma, mas buscando suas subjetividades.

Partindo do ponto de que a paisagem é a primeira instância da análise, é inevitável que se faça uma descrição das formas, fato que é muito relevante para o estudo, mas a análise da estrutura pela estrutura apenas não interessa ao geógrafo, pois a relevância está na associação do homem com as estruturas, ou seja, a funcionalidade dos espaços para cada grupo social.

Tomando como base a paisagem, pode-se entender as contradições sociais existentes no espaço geográfico. Ao observar uma cidade, ficam claras as diferenças entre os bairros periféricos e centrais, devido ao poder de consumo de seus moradores que podem ser destacados nas edificações e nos estabelecimentos comerciais que se apresentam nestas localidades. A partir da análise da paisagem podemos observar que ela anuncia temas e denuncia problemas assim como ela pode revelar e ao mesmo tempo esconder contradições sociais.

Segundo Chaveiro (2007, p. 51) “as formas são uma das maneiras de se perceber a empirização dos tempos históricos, desiguais, acumulados, resistentes ou adaptados às inovações e às mudanças logradas em cada período.” Partindo desta perspectiva, paisagem é um importante instrumento de análise socioespacial devido à complexidade e abrangência de seu conceito, que engloba os elementos físicos e suas interações com o social.

Ao considerar o espaço urbano, a paisagem revela os problemas estruturais de uma cidade assim como pode esconder os problemas sociais que estão por trás das construções luxuosas que atualmente migram para as bordas das cidades, logo deve-se esclarecer que o sentido de periferia que se refere é com base no poder de compra e não no sentido de localidade, pois quando se fala de periferia do ponto de vista das “bordas” das cidades depara-se com os condomínios luxuosos que fogem do trânsito e do barulho do centro.

Um olhar atento sobre a cidade revela claramente a segregação socioespacial e a concentração de renda, como por exemplo: as condições das construções que constituem a paisagem do setor Garavelo em Aparecida de Goiânia e os prédios e mansões que compõem o cenário do setor Bueno em Goiânia.

Seguindo a linha de análise proposta pelo paradigma socioespacial, a ideia de tempo espacial que a paisagem como um conjunto de formas nos apresenta a materialidade social, a partir de objetos; estes trazem dentro de si tempos diferenciados e permitem, por isso funções igualmente diferenciadas. (CHAVEIRO,2007,p.51)

Muito mais do que olhar a paisagem deve-se buscar analisá-la como um constante processo de arranjo e rearranjo, que não pode ser pensado sem considerar as diferenças sociais e culturais da população que a constrói. Portanto, a possibilidade de pensar a paisagem também como parte da produção social proporciona um salto qualitativo às abordagens geográficas, ao permitir refletir as contradições dos processos que dão forma e sentido a esse conjunto indissociável de objetos naturais e culturais. A paisagem como marca histórica da relação do homem com a natureza assume condição potencial de explicação da realidade cotidiana, permitindo fundamentos da noção de espaço geográfico.

A paisagem no ensino de geografia: práticas de ensino e a geografia escolar

Ao pensar no contexto de uma investigação que visa discutir a construção teórica da categoria paisagem na percepção de professores e alunos, compreendemos a importância da contextualização desta categoria ao longo da história do pensamento geográfico e como a concepção clássica da paisagem como estética visual assegura práticas docentes e compreensões superficiais na geografia escolar.

Segundo Cavalcanti (2004), as representações sociais que os professores têm das categorias de análise da geografia incidem em suas práticas pedagógicas em sala de aula. As representações sociais, conceito apresentado por Moscovici (1994), correspondem a sistemas de concepções, imagens e valores com significado cultural que moldam as definições sobre grupos sociais e fatos. Para a compreensão da categoria paisagem, entendemos que professores e alunos se lançam de um arcabouço imaginário para defini-la e entendê-la. Concepções dominantes imbrincadas de relações de poder são fortalecidas mediante a configuração de representações sociais, criadas e reproduzidas por sujeitos sociais.

Assim como outras instituições sociais, a escola também se apresenta como *locus* produtor e reprodutor de representações sociais na medida em que ela aproxima um saber produzido socialmente dos sujeitos presentes. Se não há domínio de conteúdo sistematizado, veiculação de opiniões de senso comum sobre fatos e grupos sociais, temos um ambiente

facilitador da disseminação de preconceitos e conceitos equivocados sem fundamentação teórico-metodológica. Portanto, “a representação social é uma das perspectivas de entendimento da elaboração e veiculação de conceitos e imagens da realidade” (CAVALCANTI, 2004, p. 33). Entende-se que este conceito se configura como importante caminho metodológico para a compreensão da construção de conhecimentos geográficos por professores e alunos. Há também uma deficiência na formação sobre os conceitos de paisagem natural e paisagem cultural, o que significa a inexistência de uma ligação entre conhecimentos teóricos que compõem a epistemologia da ciência geográfica e os conhecimentos didático-pedagógicos para o ensino das categorias de análise geográfica.

Ao considerar as opiniões de estudantes sobre o conceito de paisagem, Cavalcanti (2004) constatou que a ideia de paisagem é estereotipada, idealizada a partir de imagens de naturezas naturais e bucólicas, como se estivesse em quadros na parede, sem nenhum dinamismo. A geografia escolar trabalha com conceitos presentes no cotidiano dos alunos e, nesse sentido, eles apresentam representações sociais sobre tais conceitos. Há uma relação entre conceitos e imagens formados pelos alunos, o que incide na maneira como apreendem o conhecimento científico, ou seja, a ciência geográfica. A construção do conceito paisagem no ensino da Geografia é um importante caminho para o fortalecimento da relação com o lugar vivenciado pelo estudante que, por sua vez, deve refletir sobre as dimensões e contradições que o constroem e reconstroem constantemente.

A paisagem pode ser considerada um instrumento para o ensino e aprendizagem da Geografia escolar. Ao desenvolver nos estudantes a capacidade de compreensão das diferentes paisagens, seus elementos, sua história, suas práticas sociais, culturais e suas dinâmicas naturais, é possível ressignificá-las, visto que para Corrêa e Rosendahl (1998: 8), “este conceito foi relegado a uma posição secundária, suplantada pela ênfase nos conceitos de região, espaço, território e lugar”. Segundo Puntel (2007), é a paisagem que revela a relação entre o social, o cultural, o intelectual, o patrimonial e o cívico, e são essas relações que motivam e justificam a presença do ensino de geografia, sobretudo, da categoria paisagem nas escolas.

Para Cavalcanti (2004) o papel do ensino de geografia na escola é compreender a realidade numa dimensão espacial a partir de seu arcabouço teórico-metodológico. Este, por

sua vez, propicia o desenvolvimento do raciocínio geográfico na construção de um pensamento geográfico e não somente um pensamento espacial (CAVALCANTI, 2017).

Compreendemos que o desenvolvimento de um pensamento geográfico é o ponto de partida para uma formação crítica e cidadã na escola e a geografia escolar apresenta objetivos de aprendizagem que relacionam os conhecimentos científicos com o conhecimento prévio dos alunos, a fim de possibilitar a formação de conceitos para a compreensão das espacialidades. Esta compreensão é a propulsora de uma prática espacial comprometida com a justiça social e com a crítica aos problemas sociais que atingem os diversos grupos e sujeitos sociais.

Desse modo, o estudo da paisagem na geografia escolar é importante para a apreensão de uma leitura de mundo e o entendimento sobre a complexidade da realidade. Um dos objetivos estabelecidos na prática docente ao ensinar o conceito de paisagem é possibilitar ao estudante o reconhecimento do lugar, conseguindo identificar as diferentes paisagens e entendendo que elas são naturais, humanas, históricas e sociais (PUNTEL, 2007). As paisagens correspondem ao trabalho da sociedade num contexto histórico e se apresentam ao nosso olhar de muitas formas, cores, odores, sons, sendo construídas nas relações sociais, conectadas às dinâmicas da natureza.

A preocupação com a construção de um pensamento geográfico que considere o conhecimento prévio dos alunos deve ser um elemento constante na prática docente e, no que se refere à formação do conceito de paisagem, é necessário apresentá-la como algo vivo, construído pela sociedade e não algo formal e estático. Assim, caberia ao ensino “trazer a paisagem para o universo do aluno, para o lugar vivido por ele, o que quer dizer trazer a paisagem conceitualmente como instrumento que o ajude a compreender o mundo em que vive” (CAVALCANTI, 2004, p.101).

Considerações finais

A discussão teórica sobre o conceito de paisagem na geografia obedece a diferentes contextualizações perpetrados pelos paradigmas desta ciência. A compreensão sobre o papel da geografia escolar na construção do pensamento geográfico em jovens escolares é uma

preocupação importante nesta proposta de investigação que é parte das reflexões apresentadas neste artigo.

Para o ensino de geografia, a categoria paisagem refere-se a uma das primeiras aproximações dos jovens escolares com a construção de um pensamento geográfico que valoriza o conhecimento prévio e as vivências cotidianas no espaço urbano ou rural. A formação de conceitos científicos é possível a partir dos desdobramentos e compreensões elementares sobre o espaço e as demais categorias analíticas da ciência geográfica. Assim, é possível ampliar práticas de ensino de geografia empenhadas em superar as dificuldades que professores têm em mediar a construção de conhecimento e formação de conceitos junto aos jovens escolares, bem como a superação da dissociação entre saberes e conceitos científicos. O estudo da paisagem pode ser um ponto de partida para a compreensão do lugar, do espaço vivido e das transformações sociais engendradas no espaço geográfico.

Referências

- BUENO, Francisco da Silveira. **Silveira Bueno: mini dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo. FTD 2001.
- BRITTO, Monique Cristine; FERREIRA, Cássia de Castro Martins. **Paisagem e as diferentes abordagens geográficas**. Disponível em www.ufjf.br/revistageografia. Acesso em 05/08/2019
- CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org.). **Ensino de Geografia**. Práticas e Textualizações no Cotidiano. Porto Alegre: Editora Mediação, 2000. p. 83- 131
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papyrus, 1998, 192 p.
- _____. O trabalho do professor de geografia e tensões entre demandas da formação e do cotidiano escolar. In: ASCENÇÃO, Valéria R. de O. et al. **Conhecimentos da geografia: percursos de formação docente e práticas na educação básica**. Belo Horizonte: IGC, 2017.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Goiânia, travessias sociais e paisagens cindidas**. Goiânia: Ed da UCG, 2007.102 p
- CORREA, Roberto Lobato e ROSENDHAL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. 123 p.
- MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- PINHEIRO, Igor de Araújo. **Representação social de paisagem por alunos do ensino médio das escolas públicas de Teresina (PI)**. 2015. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2015.
- PUNTEL, Geovane A. A paisagem no ensino da geografia. **Ágora**, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 283-298, jan./jun. 2007
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 5. Ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.